

CUIDADOS QUANTO À CELEBRAÇÃO DA SANTA CEIA

Congregação de Professores – Seminário Concórdia

NOTA INTRODUTÓRIA

A Congregação de Professores do Seminário Concórdia refletiu em algumas das suas reuniões sobre temas relacionados à administração da santa ceia e fez alguns apontamentos sobre os cuidados quanto à sua celebração.

1. A ESCRITURA INDICA O CAMINHO QUANTO À INSTITUIÇÃO

Havendo discussão em torno da santa ceia ou algum aspecto relacionado com ela, o apóstolo Paulo indica o caminho para uma solução: retornar àquilo que recebemos do Senhor (1Co 11.23), a saber, as *Verba Testamenti* ou Palavras da Instituição.

Ao dizer “Façam isto em memória de mim” (1Co 11.24-25), Cristo instituiu a celebração da santa ceia.

O “em memória de mim” e a consagração dos elementos com o uso das palavras que Cristo falou ao instituir a ceia fazem do próprio Senhor o celebrante. Diante disso, não cabe perguntar “Como Jesus celebraria a ceia conosco hoje”, porque a pergunta deve ser: “Como Jesus celebra a ceia conosco hoje?”

Na frase “façam isto”, o pronome “isto” impõe um limite, que foi ressaltado pelos confessores luteranos na Fórmula de Concórdia: consagrar, comer e beber. Guardar e/ou levar em procissão ultrapassa o limite. Lutero deixou isso claro no Catecismo Menor: “dado a nós cristãos *para comer e beber*”.

Por outro lado, o “isto” e o “todas as vezes que o beberem” (1Co 11.25) são bastante genéricos e impedem que se diga uma palavra final e normativa sobre o alcance do “isto” e a frequência do “todas as vezes”. Neste ponto, na falta de uma direção bíblica específica, nos orientamos pelo que recebemos historicamente, pela tradição.

Assim, entendemos que o “isto” não inclui uma repetição da última ceia nos seus detalhes culturais. Fosse assim, celebraríamos a santa ceia recostados em triclinios, e só poderíamos beber do cálice depois de uma (longa) refeição (“semelhantemente, depois da ceia...”).

Neste mesmo espírito, é preciso dizer que a ordem de Cristo (“façam isto”) e o “todas as vezes que o beberem” não instituem diretamente uma celebração em cada culto, embora a celebração frequente (semanal e/ou diária) tenha uma longa história dentro da igreja cristã. Diante do “façam isto”, é preferível fazê-lo mais vezes que menos vezes, valorizando a dádiva.

Dentro dessa mesma linha de “não reencenar a última ceia”, porque o “isto” não se refere a esses detalhes culturais, normalmente não pegamos um pão inteiro para ser partido no momento da celebração, embora também pudéssemos fazer isso e em alguns lugares se faça assim. Aplica-se o mesmo ao cálice, que, segundo insistência de muitos, teria de ser um só, porque o texto bíblico fala sobre um único cálice. Há uma incoerência nessa argumentação, na medida em que o pão é geralmente levado à mesa em forma de hóstias. Por essa lógica, nada impede que se faça um fracionamento semelhante com o vinho. O cálice, nesse caso, é a bandeja que reúne o vinho fracionado. [A ordem “bebam todos dele” não inclui o componente “do mesmo cálice”.] Em virtude disso, não é recomendável destacar ou levantar e consagrar um único cálice individual. Afinal, alguém poderia ser levado a pensar que os demais cálices individuais não foram consagrados.

2. A ESCRITURA INDICA O CAMINHO QUANTO ÀS PALAVRAS DA CONSAGRAÇÃO

Como o celebrante é Cristo, não apenas a celebração se orienta pelas Palavras da Instituição, mas a consagração como tal é feita com as palavras que nos trazem a instituição da ceia. Temos quatro relatos (Mt, Mc, Lc, 1Co), e a Liturgia optou por fazer uma harmonização dos quatro, resultando num texto longo (e completo). Na medida em que não há uma

orientação explícita nas Escrituras, nada impede que num dia se faça uso de um relato (o de Mateus, por exemplo), e que numa ocasião seguinte se utilize outro relato (o de Lucas, por exemplo).

Em termos de literalidade, utilizar um relato específico (Mateus, ou Marcos, etc.) poderia ser descrito como “mais bíblico” do que utilizar a fórmula harmonizada que aparece na Liturgia. Afinal, esta não se encontra tal qual num só lugar, na Bíblia. No entanto, para evitar questionamentos e não causar ofensa, é preferível manter as palavras tradicionais. Recomenda-se seguir o texto que aparece na Liturgia Luterana, sendo o pastor responsável pelas palavras da consagração.

Do mesmo modo, como o texto bíblico diz “isto é o meu corpo” e “isto é o meu sangue”, recomenda-se dizer “isto” na distribuição da ceia. De forma bastante feliz o “isto” expressa o “em, com e sob”. Dizer “este” poderia dar a entender uma transubstanciação.

Os termos “dado” e “derramado” têm conotação sacrificial, ou seja, “dado e derramado em sacrifício”. O sacrifício de Cristo foi *ephápax*, ou seja, único. Por isso, há implicações quanto à maneira de se traduzir esses termos. Em grego, são dois participios (*didómenon* e *ekchynómenon*) que estão no aspecto do presente. No entanto, diante da raridade do uso do participio futuro no Novo Testamento (em torno de 13 casos), esses participios do presente fazem a vez do futuro. Foi assim que, por exemplo, a Vulgata e Lutero entenderam esses participios, que foram traduzidos pelo futuro: “será dado” e “será derramado”. Jesus não estava derramando o seu sangue na noite em que foi traído. Em português, temos a possibilidade de deixar essa referência temporal mais vaga, usando simplesmente o “dado” e “derramado” (“o sangue da aliança, derramado”). Esta é a opção preferencial no momento da consagração. Na distribuição, caso não se queira manter os genéricos “dado” e “derramado” (que pode ser também a melhor opção), recomenda-se dizer “que foi dado” e “que foi derramado”. Afinal, Jesus não está repetindo o sacrifício na cruz. Aquilo que para os apóstolos era proléptico (recebido em antecipação, um dia antes da morte de Jesus) para nós é anamnético (recebido no hoje que se localiza depois da morte de Jesus).

Ao dizer “isto é o meu corpo” e “isto é o meu sangue”, Jesus não determinou por quanto tempo persiste a comunhão entre corpo e pão e entre sangue e vinho. Numa visão minimalista, alguns luteranos pensam que a presença real se restringe ao momento da recepção oral do sacramento.

Quem é crítico dessa visão chega a dizer que Cristo acaba estando mais ausente do que presente. Lutero, por convicção teológica e movido por uma preocupação pastoral (“será que ainda era corpo e sangue de Cristo quando eu fui à Ceia?”), propõe que se pense nessa presença “durante toda a celebração”, ou seja, desde que se dá início à celebração (que, no tempo de Lutero, ocorria com a oração do Pai-Nosso) até o momento em que o último comungante recebeu o sacramento. Foi nesse sentido que Lutero entendeu a expressão de que “não existe sacramento fora do uso”. Também as Confissões Luteranas expressam a ideia da presença “durante toda a celebração”. Confissão de Augsburgo X: “A respeito da Ceia do Senhor se ensina que o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo estão verdadeiramente presentes na ceia em forma de pão e vinho e nela são distribuídos e recebidos (Cf. Apologia X, 28-31). A Fórmula de Concórdia, DS VII, 84, ensina: “Pelo contrário, a ordem de Cristo ‘façam isto’ deve ser observada sem divisão e sem modificação. Ela abrange toda a ação ou administração desse sacramento: que numa reunião de cristãos tomemos pão e vinho, os consagremos, os distribuamos, os recebamos, os comamos, os bebamos e, com isso, anunciemos a morte do Senhor, como São Paulo também nos põe diante dos olhos a ação toda do partir do pão ou da distribuição e recepção, em 1Coríntios 10.[16].” (Veja também FC, DS VII, 85-86).

Sendo Cristo o celebrante por meio do ministério do pastor, a santa ceia é um momento solene. Em reverência ao celebrante, a liturgia e a celebração como um todo não deveriam ser abreviadas ou “aceleradas”. Preciosas são as horas na presença de Jesus!

As palavras da distribuição precisam ser pronunciadas de maneira clara e audível e devem conter a confissão da igreja. A liturgia atual, conforme consta no *Hinário Luterano*, prevê duas fórmulas de distribuição. Opção I: Diante do altar: “Peguem, comam; isto é o verdadeiro corpo de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, dado à morte pelos pecados de vocês. Peguem, bebam; isto é o verdadeiro sangue de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, derramado para o perdão dos pecados de vocês”. Opção II: Distribuição processional: “O verdadeiro corpo de Cristo dado por você. O verdadeiro sangue de Cristo derramado por você”. [Ao final da distribuição processional, o oficiante dirá para a congregação: “Que esta Ceia fortaleça e preserve vocês na fé para a Vida Eterna”.]

3. A ESCRITURA INDICA O CAMINHO QUANTO À ORDEM E DECÊNCIA

A igreja pode perguntar: “Como queremos nos apresentar diante do Senhor”? Isso traz à lembrança a palavra que fala sobre “ordem e decência”. Houve um tempo em que a roupa usada refletia esse respeito.

Nossa confissão a respeito da santa ceia tem, também, implicações para a maneira de lidar com os elementos do pão e do vinho. Organizar a celebração da Ceia por meio de inscrição prévia é algo que, além de ter um caráter pastoral salutar, permite fazer uma celebração “sob medida”, com a consagração (apenas) dos elementos necessários e sem praticamente nenhuma sobra. Por outro lado, se um pouco mais de pão ou vinho são solicitados durante a distribuição, eles devem ser consagrados na presença dos comungantes.

Não há necessidade imperiosa de colocar os elementos da ceia (pão e vinho) sobre o altar antes do início do culto. Historicamente, esses elementos eram separados quando as ofertas eram trazidas ao altar. Assim, do mesmo modo como em muitos momentos e lugares o pastor começa a “preparar” os elementos da ceia enquanto se recolhem as ofertas, esse poderia ser o momento em que acólitos (tendo feito a separação das partículas e dos cálices necessários em função da inscrição para a ceia – caso essa inscrição não tiver sido encerrada antes do início do culto), solenemente, mas sem ostentação, conduzem esses elementos à mesa da ceia. Depois que todos comungaram, os utensílios sacramentais são novamente cobertos ou removidos.

Cabe também dispensar cuidado aos cálices individuais (especialmente a estes) após concluída a celebração da ceia. Diante da importância e solenidade do momento, não se recomenda o uso de copinhos descartáveis (de café). Também não nos parece digno deixar que os comungantes, de forma um tanto displicente, lancem copinhos descartáveis diretamente dentro de um cesto de lixo. Todo esse material deveria ser recolhido com o devido respeito. Após o culto, os cálices individuais devem ser higienizados, seja para serem reutilizados ou descartados. Lutero defendia que os elementos consagrados que restavam após a celebração deveriam ser consumidos por pessoas que haviam comungado durante a celebração.¹

¹ Lutero escreveu isso numa carta a Simão Wolferinus, datada em 30 de julho de 1543. A referência é: WA Br X, 348, 349. Cf. Livro de Concórdia (2021), p.653, nota 435.

Pode-se argumentar que a presença do corpo e sangue de Jesus Cristo não será prejudicada pela forma como se descarta o que sobra. Mas justamente por causa dessa presença é que aquilo que fica se torna digno de respeito. E, por essa razão, os elementos que não foram usados deveriam ser tratados com a reverência apropriada, a fim de que o Senhor possa ser honrado e que nenhum de seus filhos possa ser ofendido ou caia em tropeço.